

# A REPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA EM UM GUIA EVANGELÍSTICO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA<sup>1</sup>

Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt - UNICAMP  
daiane.unicamp@gmail.com

## Introdução

A missão evangelística constitui-se como um lugar fundamental no discurso cristão, seja ele católico ou protestante. A história da colonização brasileira está profundamente ligada à história da evangelização. O movimento missionário católico acompanhou a conquista portuguesa do território brasileiro. Em 1881, foi organizada a primeira Igreja Batista no Brasil, a qual tem se destacado pela grande ênfase dada ao trabalho missionário. Em 1907, foi criada a Junta de Missões Mundiais (JMM) a fim de atuar na expansão da doutrina batista em outros países. Todo ano, essa Junta realiza campanhas evangelísticas, veiculando uma série de materiais como revistas, folhetos e cartazes.

O objetivo do presente trabalho é analisar discursivamente um livreto veiculado pela JMM intitulado *Dez dias de compromisso África*. Para tanto, partimos da noção de *discursos constituintes* proposta por Maingueneau (2006) e da discussão de Amossy e Pierrot (2001) a respeito da noção de estereótipo.

### 1. Os discursos constituintes

Maingueneau (2006) propõe que há um grupo de discursos com um estatuto particular: os discursos constituintes. Tais discursos não reconhecem nenhuma autoridade acima de si mesmos. Eles são, ao mesmo tempo, auto e heteroconstituintes. Autoconstituintes, porque fundam, porém não são fundados por outros discursos. Heteroconstituintes, pois desempenham um papel constituinte em relação aos outros. Propõem-se como Origem e apresentam-se como ligados a uma Fonte legitimadora que lhes concede acesso à verdade e lhes atribui superioridade sobre os demais. Para o autor, o discurso religioso faz parte desse grupo.

No campo religioso, cada posicionamento pretende nascer de um retorno à Verdade divina, a qual os demais teriam desfigurado, esquecido ou subvertido. Neste campo, o discurso cristão, em suas variadas vertentes, apresenta-se como responsável por alcançar a salvação da humanidade por meio da evangelização. Descrevendo-se como derivado da vontade de Deus, propõe-se a difundir a “verdadeira fé” aos demais.

O discurso batista, enquanto derivado do discurso religioso, tem um funcionamento de discurso constituinte, propondo-se como verdade absoluta, irrevogável e universal. Mesmo quando tenta se mostrar tolerante em relação aos outros discursos, reconhecendo que seu outro já tem uma religião específica, defende que essa não é a “verdadeira”, e, portanto, precisa ser “convertido”.

Mobilizamos para análise também a discussão de Amossy e Pierrot (2001) a respeito do funcionamento dos estereótipos. As autoras explicam que o estereótipo funciona como um tipo de pré-construído, na medida em que é um elemento prévio do discurso, afirmado pelo enunciador, mas cuja origem já está esquecida (“já-dito” antes e

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um resultado parcial do projeto de doutorado intitulado *A salvação do mundo na igreja batista: sobre o funcionamento do discurso missionário no final do século XX e início do século XXI*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo 2012/09021-8.

em outro lugar). A ativação/construção de estereótipos funciona na relação entre os diferentes posicionamentos discursivos, porque está ligada ao interdiscurso ou memória do dizer.

Possenti (2004) afirma que um estereótipo de tipo negativo pode muitas vezes ser um simulacro no sentido proposto por Maingueneau (1984). Maingueneau propõe que a relação entre os discursos se dá por um processo de interincompreensão, inscrito nas próprias condições de possibilidade de um discurso. Uma vez que um enunciador discursivo só pode “imitar” o seu Outro a partir de seu próprio discurso, refere-se a ele por meio de traduções ou “simulacros” que dele constrói. Desse modo, é constitutivamente “normal” que o discurso missionário construa a imagem de seus “outros” por meio de simulacros, derivados de estereótipos de tipo oposto (negativo).

## **2. A igreja batista no Brasil**

Como já foi dito, a Primeira Igreja Batista foi organizada no Brasil em 1881. Léonard (1981) afirma que os batistas procuram o indivíduo para “salvá-lo” e fazem dele um “propagandista” de sua mensagem. A vida do protestante batista define-se em três “tempos”: a conversão, a instrução e a evangelização.

Segundo a Convenção Batista Brasileira, “a missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus”<sup>2</sup>. Com esse fim, a Convenção Batista criou duas organizações responsáveis pelo cuidado com trabalho missionário: a Junta de Missões Mundiais (JMM), que tem como objetivo atuar na expansão da igreja batista além das fronteiras do Brasil, e a Junta de Missões Nacionais (JMN), que tem como finalidade atuar na expansão nacional da igreja.

A cada ano, essas juntas desenvolvem campanhas evangelísticas. O objetivo principal dessas campanhas é a arrecadação de fundos para o trabalho missionário. Para tanto, cada campanha tem, além de um alvo em dinheiro estabelecido, um tema e uma divisa. As juntas missionárias preparam materiais (revistas, cartazes, vídeos, hino), os quais são distribuídos para as igrejas locais. Estes materiais trazem informações sobre o trabalho missionário realizado e as metas que deverão ser cumpridas.

Atualmente, a JMM está presente em 64 países. Além da evangelização e formação de igrejas, realiza projetos sociais na área de educação, saúde e esportes.

## **3. Análise do guia**

A Junta de Missões Mundiais produziu uma série de *guias de oração* por diferentes povos. Um destes é o guia de oração pela África. A capa do guia tem a seguinte configuração: na parte superior, aparece o título: *10 dias de compromisso*. A seguir, a especificação: “Ore por povos que ainda não conhecem o nome de Jesus”. Abaixo, a imagem de uma mulher negra, de cabelos trançados e colares, olhando para o lado direito e atrás dela uma árvore, típica da vegetação africana. Ao lado, o nome África. A capa tem um filtro amarronzado.

---

<sup>2</sup>[http://batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15&Itemid=15&limitstart=8](http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15&limitstart=8), acesso em julho de 2011.

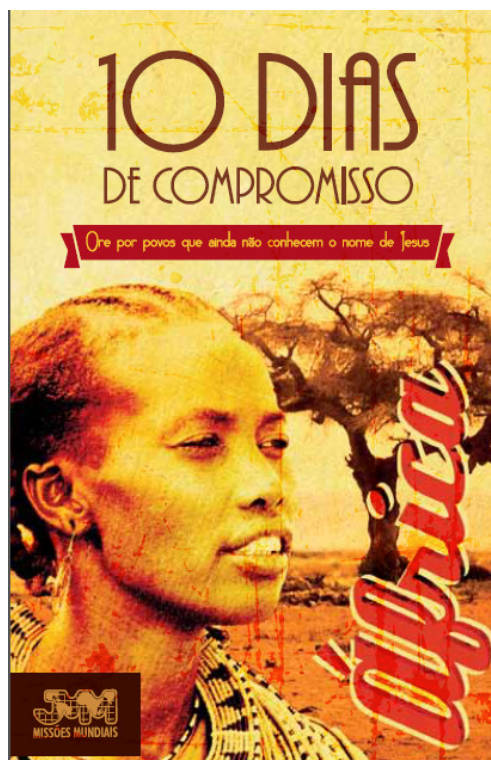


Figura 1 - Capa do guia

O filtro utilizado na capa, a imagem do rosto da mulher e a vegetação funcionam metonimicamente em uma representação da África, que destaca um caráter árido e selvagem.

O procedimento esperado durante a campanha é que cada batista reúna-se em grupos a fim de orar pela África. Além disso, ele deve contribuir financeiramente e ainda ir para África evangelizar.

Nesse sentido, o livreto funciona como um convite. Podemos afirmar que o guia se aproxima de um guia de viagem, cuja função é informar a um turista sobre um destino, dando informações geográficas e dicas. O guia de oração pela África também dá diversas informações geográficas, mas, principalmente, sob um viés do aspecto religioso:

#### **Inacreditável, maravilhosa - África**

A África é um vasto continente, diversificado espiritualmente e dividido em 54 nações independentes. O continente tem predomínio muçulmano no norte; e uma imensa mistura de crenças, tradições e religiões no sul. A África tem uma taxa de alfabetização baixa, altos índices de pobreza e doenças potencialmente fatais. Cerca de 40% da população africana tem menos de 15 anos de idade. Cristãos são perseguidos em vários países.

O título que encabeça o pequeno texto tem um tom positivo, que poderia figurar em um guia de viagem “Inacreditável, maravilhosa – África”. Cria no interlocutor uma expectativa positiva em relação à África, entretanto, a seguir, descreve um cenário negativo (baixa taxa de alfabetização, altos índices de pobreza e doenças). Um dos pontos mais focados nessa descrição é a configuração religiosa africana, classificada como “diversificada espiritualmente”: predomínio muçulmano no norte e

uma “mistura” de religiões no sul. E, nesse contexto, os cristãos aparecem como aqueles que são perseguidos.

Uma multidão de religiões: 182 milhões de evangélicos; 428 milhões de muçulmanos; mistura de animismo e religiões folclóricas. A religião é extremamente importante na África. Em muitos lugares, é mais importante para a identidade de uma pessoa do que sua nacionalidade ou etnia. Não há liberdade religiosa em grande parte da África e existem muitas restrições. A perseguição é intensa em países de maioria islâmica. A igreja evangélica está crescendo em ritmo acelerado, apesar da perseguição. Os costumes não cristãos continuam a permear a igreja na África. Muitos cristãos não estão totalmente livres da influência de bruxaria e espíritos malignos.

Aqui a pluralidade religiosa na África é descrita como “multidão” de religiões, no trecho anterior, como “mistura”. Considerando o caráter constituinte do discurso religioso cristão, o qual se apresenta como verdade única e absoluta, os aspectos “mistura” e “multidão” devem ser combatidos, visto que para esse discurso é preciso que toda a África seja cristã. Nesse sentido, constrói uma da imagem da religião islâmica como aquela que persegue e produz um simulacro da religião africana como bruxaria e de espíritos malignos. Esse simulacro apoia-se em um imaginário sobre as religiões africanas, sustentado em uma visão cristã do mundo, de que tais religiões seriam demoníacas. É interessante ressaltar que o texto da JMM queixa-se da não liberdade religiosa, buscando uma tolerância. No entanto, a tolerância buscada não é de conviver com a pluralidade de religiões africanas – ser mais uma no meio dessa “multidão” –, mas sim de ser a única.

Grande parte das descrições da África feitas no livreto baseia-se em dados negativos:

Através do seu envolvimento você pode ajudar a suprir as necessidades: dos que sofrem de HIV/Aids, dos que estão morrendo de fome, literalmente, dos que vivem em condições de pobreza extrema nas favelas, dos órfãos, das crianças que estão fora da escola, das pessoas que vivem em aldeias sem água Potável.

No excerto, há uma enumeração das “necessidades” africanas: HIV, fome, pobreza, órfãos, crianças fora da escola, aldeias sem água Potável. Essa enumeração produz um efeito sustentado em um imaginário sobre África como um lugar de extrema pobreza e carência.

### **10 fatos sobre a África**

3,3 milhões de africanos estão em risco de fome

Há 881 línguas na África sem a Bíblia.

Na África Subsaariana, mais de 70% da população vivem em favelas.

A cada 15 segundo, uma criança se torna órfã da Aids.

45% das crianças da África Central e Ocidental não têm acesso à escola.

A taxa de alfabetização na África é menor que 60%.

1800 das 2640 povos da África Subsaariana (433 milhões de pessoas) não são alcançadas pelo Evangelho.

Uma criança africana morre de malária a cada 30 segundos.

Na África, duas de cada cinco pessoas não têm água potável.  
Não há trabalho evangélico entre 600 povos da África subsaariana.

Em *10 fatos sobre a África*, há, mais uma vez, uma enumeração negativa de vários aspectos do continente: pobreza extrema, fome, doenças, falta de educação. Enfim, a enumeração apoia-se em um estereótipo negativo sobre a África. A respeito da questão dos estereótipos, Amossy e Pierrot (2001) afirmam que

El estereotipo que desvaloriza aparece como un instrumento de legitimación em diversas situaciones de dominación. No sólo cuando hay competencia y conflicto la imagen despreciativa del outro cumple funciones importantes, sino también em los casos de subordinación de um grupo étnico o nacional a outro. (p.45).

Dessa forma, no livreto a construção da imagem de um país pobre e carente funciona no sentido de legitimar a necessidade de evangelização do país pela JMM. No excerto, há descrições relativas a uma certa carência de cristianismo na África: línguas e povos sem a Bíblia e poucos trabalhos evangélicos. E, nesse cenário, seria necessária a intervenção batista. Podemos afirmar que a mescla dessas informações sociais e religiosas produz um efeito de sentido de que o cristianismo (a presença batista) poderia mudar esse quadro de pobreza. Há uma associação entre religião e aspectos sociais e econômicos. Assim, a fé cristã aparece como recurso também para a “salvação” social da África. Tal discurso produz um efeito de apagamento de toda a exploração sofrida pelo continente africano pelas nações ditas cristãs no processo de colonização do continente. Mais um exemplo da apresentação do cristianismo como solução para os problemas sociais aparece na descrição do **Projeto Educando para a Vida**:

Em uma aldeia no sul do Níger, a população vive uma dura realidade para sobreviver. Muitas dessas pessoas, a maioria da etnia zarma, vivem da agricultura de subsistência e não sabem ler ou escrever. Algumas crianças da aldeia saem da escola para ajudar em casa porque foram reprovadas mais de duas vezes; elas são impedidas pelo sistema escolar de cursarem a mesma série três vezes. Muitas são entregues pelos pais a líderes islâmicos que ensinam o Alcorão e as obrigam a pedir esmolas. O projeto Educando para a Vida tem como objetivos práticos oferecer reforço escolar, alimentação e recreação a 30 crianças da aldeia com rendimento escolar abaixo da média. Sua principal meta é compartilhar o amor de Deus com os pequeninos e suas famílias através do testemunho de missionários.

O principal objetivo do projeto não é o reforço escolar, mas que as crianças sejam evangelizadas. Há uma relação entre evangelização, educação e melhoria econômica. Ligada ao discurso de como a educação pode melhorar a realidade econômica de uma pessoa, aparece a questão da evangelização, como forma de melhoria econômica, social e também espiritual.

O guia faz mais uma descrição dos povos africanos:

Os africanos são muito abertos às questões espirituais e se alegram em discutir suas crenças. Não é necessário saber tudo sobre eles antes de

iniciar uma conversa. Em geral são muito simpáticos e se esforçam para facilitar a fluência da comunicação. Gostam de ser escutados com atenção.

Aqui há uma representação dos africanos como alegres, simpáticos e abertos ao diálogo (mesmo em questões espirituais). Essa imagem de alegria contrasta com a imagem da pobreza, criando uma imagem paradoxal de um povo que sofre, mas é feliz. Desse modo, um bom alvo para a evangelização.

Discutindo a questão da tolerância religiosa, Bobbio (2004) afirma que a tolerância pode ser um ponto de vista da razão prática, sendo uma forma de respeito à pessoa alheia. Nas palavras do autor:

Nesse caso, a tolerância não se baseia na renúncia à própria verdade, ou na indiferença frente a qualquer forma de verdade. Creio firmemente em minha verdade, mas penso que devo obedecer a um princípio moral absoluto: o respeito à pessoa alheia. [...] Na realidade, trata-se de um conflito entre dois princípios morais: a moral da coerência, que me induzi a pôr minha verdade acima de tudo, e a moral do respeito ou da benevolência em face do outro (2004, p.191).

No livreto da JMM, há um certo respeito para com o outro. É esperado um contato pacífico e amigável com esse outro (ele é simpático). Segundo o livreto, o africano deve ser escutado com atenção, aceita discutir suas crenças, é tolerante, talvez exceto os que seguem o Islã. Entretanto, essa tolerância não é no sentido aceitar a religião dele (descrita como bruxaria), mas de convertê-lo e a forma dessa conversão é feita pela razão. Bobbio (2004) explica que

A tolerância pode significar a escolha do método da persuasão em vez do método da força ou da coerção. Por trás da tolerância entendida desse modo, não há mais apenas o ato de suportar passiva e resignadamente o erro, mas há uma atitude ativa de confiança na razão ou na razoabilidade do outro, uma concepção do homem capaz de seguir não só os próprios interesses, mas também de considerar seu próprio interesse à luz dos interesses do outro, bem como a recusa consciente da violência como único meio para obter o triunfo das próprias ideias (p. 190).

Nesse sentido, a ação esperada pela JMM é que o africano chegue ao cristianismo pela razão. Um das teses básicas do protestantismo é a do sacerdócio de todos os crentes. Lutero defendia que cada cristão seria responsável pela leitura da Bíblia, podendo chegar ao sentido das Escrituras desde que realizasse um estudo sério e sistemático. Por isso, para a JMM a questão da educação aparece tão atrelada à evangelização. Acredita-se que o africano pelo estudo e pela razão seja capaz de reconhecer o cristianismo como a verdade. Pensando historicamente as guerras religiosas, podemos afirmar que aqui a guerra (a violência) é substituída por ações humanitárias. Contraposto à imagem do islâmico que apela para a violência (a perseguição), aparece a do batista, promovendo projetos educacionais. A JMM busca, assim, convencer os africanos da supremacia do cristianismo.

A função do guia é fazer com que os interlocutores (os batistas) participem da campanha pela África. Essa participação se dá pela oração, contribuição financeira e também indo para África para evangelizar. Nesse sentido, o guia também é um convite para que os batistas viajem para África. Selecionamos alguns excertos em que há essa convocação:

Envolve-se nesta missão: ore pelos povos africanos que nunca ouviram falar de Jesus

Jesus é o supremo exemplo de dedicação e foco no cumprimento de uma missão. Ele orou, jejuou, desenvolveu relacionamentos, ministrou para pessoas que precisavam de esperança e salvação e ao final de sua vida, foi sacrificado por nós. Era sua missão designada pelo Pai.

Envolve-se, Pense, Preocupe-se, Ocupe-se, Ore, Aja, Doe, Vá.

Nos excertos, há um apelo para que o interlocutor “envolva-se”. Jesus é apresentado como exemplo do cumprimento da “missão”. Espera-se desse interlocutor que ele reconheça Jesus como seu exemplo que cumpriu a missão dada por Deus. A série de imperativos (Envolve-se, Pense, Preocupe-se, Ocupe-se, Ore, Aja, Doe, Vá) descreve as ações esperadas desse interlocutor. A última delas é que ele vá para África evangelizar. Há um efeito de sentido de que assim como Jesus se sacrificou o interlocutor também deve se sacrificar, deve ir para África (mesmo que o cenário descrito seja negativo).

### **Conclusão**

A análise do livreto mostra que ele constrói uma imagem do continente africano a partir de uma série de estereótipos negativos (pobreza, doenças, violência). Essa ênfase nos problemas funciona para legitimar a ação da JMM na África e o envio de mais missionários.

Por seu caráter constituinte, o discurso batista apresenta-se como saída para resolução dos problemas africanos não apenas de ordem espiritual, mas também econômicos e sociais. A tolerância proposta não está no sentido de aceitar as religiões africanas, apresentadas como bruxaria, mas de promover, pela razão, que o cristianismo é melhor solução.

Courtine (2006) afirma que “a análise do discurso não pergunta se o que o discurso diz é verdade, mas tenta perguntar como o discurso assegura como verdade o que foi construído” (p.77). Assim, neste trabalho, não se buscou analisar se o que o discurso missionário batista diz é ou não verdade, mas como esse discurso tenta produzir uma imagem de si como verdade absoluta, que solucionará os problemas da África.

### **Referências bibliográficas**

- AMOSSY, R. PIERROT. A. H. *Esteretipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2001.  
BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.  
COURTINE, J. J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

LÉONARD, É. G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: Aste, 1981.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S; SILVA, M. C. P. de S. (Orgs.). Curitiba: Criar Edições, 2006.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. São Paulo, Parábola, 2008. Edição original (1984).

POSSANTI, S. Estereótipos e identidade: o caso nas piadas. In: *Os limites do discurso: ensaios sobre o discurso e o sujeito*. Criar edições: São Paulo, 2004. p. 155-166.